

“Deixe o campo te levar”: sobre a importância da realização de etnografia para a construção de um objeto de pesquisa.

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi¹

Resumo:

No presente trabalho apresento, em linhas gerais, trechos da minha pesquisa de iniciação científica realizada junto a *Estopim da Fiel* – uma Torcida Organizada que apoia o Sport Club Corinthians Paulista, fundada e com sede no município de Diadema, componente da Região Metropolitana de São Paulo –, na qual busquei compreender quais são os valores simbólicos impressos na camisa oficial desta torcida que motivam torcedores do Corinthians a partilharem de momentos de sociabilidade nesta, a se associarem a esta e a comprarem a camisa da mesma. Desta pesquisa resultou o meu trabalho de conclusão de curso, apresentado sob a forma de monografia, intitulada: “vestir para se identificar, se identificar para vestir: a camisa oficial da Estopim da Fiel como elemento de construção e representação dos valores deste coletivo”. Busco, neste *relato de pesquisa*, demonstrar como a prática da pesquisa de campo fez-se essencial para construir o objeto e as questões norteadoras da pesquisa e, a posteriori, pensar o fenômeno proposto ao estudo.

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – Campus Marília e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

Introdução

No ano de dois mil e nove participei como ouvinte do grupo de trabalho intitulado “cultura brasileira: modo e estilos de vida”, no 33º terceiro encontro anual da Anpocs, na cidade de Caxambu/MG. Neste, tive a oportunidade de acompanhar a apresentação do trabalho “o Brasil na Copa e a Copa no Brasil: uma etnografia da recepção coletiva da Copa do Mundo em cidades brasileiras”, de Edison Gastaldo (2009). A fala e o vídeo apresentados por este pesquisador, apontando serem os jogos da seleção brasileira de futebol nas Copas do Mundo um “fato social total brasileiro” (GASTALDO, 2009, p. 13) mostraram-me – à época, no segundo ano do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Marília – que o leque para se pensar o futebol como fenômeno social, tendo como aporte teórico linhas de pensamento das ciências sociais e, detidamente, da antropologia, era extenso. Senti-me instigado a adentrar este universo.

Partindo desta breve lembrança, apresento aqui o desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica que realizei adiante, entre os anos de dois mil e onze e dois mil e doze. Tomo como forma para exposição desta pesquisa a divisão do presente texto considerando distintas etapas de realização da mesma, dando ênfase para as experiências vividas durante realização de observação participante junto a uma torcida organizada, mas também perpassando referências bibliográficas utilizadas durante todo o período da pesquisa e, por fim, conclusões resultantes das reflexões entre bibliografia consultada e material empírico.

Começando do princípio

Instigado pela possibilidade de realizar uma pesquisa de iniciação científica em que eu pudesse me aprofundar em algum tema concernente ao futebol, procurei o professor Antônio Mendes da Costa Braga, antropólogo com experiência em pesquisas em meios urbanos, para dialogar sobre a possibilidade de realizar tal pesquisa. O primeiro passo foi a indicação de uma bibliografia na área da antropologia das práticas esportivas. Duas obras foram fundamentais nesta primeira etapa, o livro “Torcidas Organizadas de Futebol”, dissertação de mestrado de Luiz Henrique de Toledo (1996) e “Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França”, tese de doutorado de Arlei Sander Damo (2007).

Desta primeira obra, tive uma noção inicial, a partir de um olhar antropológico, acerca do universo amplo que são as torcidas organizadas e das diversas possibilidades de recortes temáticos que eu poderia construir caso decidisse enveredar a pesquisa realizando etnografia (tal qual feito pelo autor) em uma torcida organizada. Desta segunda obra indicada, a qual se debruça, entre outros temas, sobre fenômenos que dizem respeito à diversidade futebolística, a formação de jogadores e o mercado de “pés-de-obras” (DAMO, 2007, p. 81-2). A partir da cisão analítica do futebol em distintas “matrizes” da prática deste, consegui situar o espaço em que ocorreria a minha pesquisa: a “matriz espetacularizada”, como classifica o autor ser o futebol de espetáculo, midiaticizado, caracterizado pela “organização monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB”, “a divisão social do trabalho, dentro e fora de campo” e “a excelência performática exigida dos praticantes” (DAMO, 2007, p. 42-3). É nesta matriz de futebol que se encontram as grandes massas torcedoras, responsáveis pela “circularidade das emoções” e a “capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos” (DAMO, 2007, p.43) de uma partida futebol.

Adiante, para melhor começar a pensar fenômenos urbanos, as obras “festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade”, de José Guilherme Cantor Magnani (2003), e “o urbano em questão: interfaces com a sociologia”, de Heitor Frúgoli Jr. (2005), foram tomadas para pensar o lazer urbano e as abordagens possíveis para temas que abarcaria sociabilidades e cidade². Assim, elaborando pouco a pouco a temática da pesquisa, e trazendo já algumas ideias acerca do que achava ser passível de reflexão antropológica, fruto de minhas constantes idas a estádios de futebol, levei ao professor Antônio a possibilidade de pensar o que eu nomeava como “rituais de torcidas organizadas”: ações e movimentos realizados por torcedores organizados a cada partida de um clube específico. Mas como seriam estes rituais? Podemos, inclusive, nomear tais ações como “rituais”? Aliás, que ações são estas? Como ilustrar os primeiros apontamentos que o corpo teórico permitia suscitar?

“Deixe o campo te levar”

Brincando com a famosa composição de Zeca Pagodinho (“deixa a vida me levar”), esta foi a orientação dada pelo professor Antônio Braga: encontrar um nicho torcedor para realizar etnografia e, de perto, observar e registrar acontecimentos que seriam passíveis de análise antropológica. A partir do que vivenciasse no campo de pesquisa seria possível construir respostas às primeiras perguntas, e, então, elucidar outras questões, focando um objeto para a pesquisa. Para tanto, busquei, num primeiro momento à distância – com auxílio da internet e o conhecimento e experiências anteriores – mapear quais seriam as possibilidades de torcidas organizadas (ou grupos de torcedores não organizados) de futebol em que poderia realizar etnografia. Após realizar incursões etnográficas, sendo, algumas delas, na Estopim da Fiel, em Diadema, construí perguntas e encontrei, a partir desta preliminar pesquisa de campo, um objeto de estudo a ser pensado, adiante, nesta coletividade.

Meu interesse por essa torcida, frente a tantas outras torcidas organizadas presentes nos estádios acompanhando times paulistas, se deu por diversas razões, dentre elas um audacioso projeto realizado pelos membros desta para saudar o centenário do Sport Club Corinthians Paulista, intitulado “cem bandeiras”. Neste, membros da Estopim confeccionaram e levaram ao estádio do Pacaembu, em jogo realizado três dias após o centésimo aniversário do clube, no ano de dois mil e dez, cem bandeiras (de 3 x 3,5 metros cada) com diversas imagens alusivas à interpretação que esta torcida faz da história do clube: jogadores eleitos como “ídolos” da torcida, imagens de times campeões e símbolos do clube. Busquei descobrir, através de páginas da internet, breve histórico e a localização desta torcida, e, após uma breve pesquisa virtual, fui à sede da mesma, localizada no centro de Diadema/SP.

Sendo visto mais como um jornalista do que como um aspirante a antropólogo³, iniciei minha pesquisa de campo em uma conversa formal com o membro que à época era responsável pela comunicação da torcida, e que se apresentava pelo apelido de *Fósforo*, em uma quinta feira a tarde, dia útil e sem jogo do Corinthians, em que estavam na sede da torcida, além

2 Somam-se a estas obras a bibliografia das disciplinas de antropologia cursadas até então (necessárias para a formação como bacharel em ciências sociais) e outros artigos e obras, que foram consultados nesta primeira etapa da pesquisa, como o já citado trabalho de Edison Gastaldo (2009), a coletânea “a violência no esporte”, (LERNER, 1996), “a história do futebol no Brasil através do cartum” (COSTA, LOVRETO, 2004).

3 O que se deu muito, compreendo, em razão da minha inexperiência de atuação como tal: como perguntar, como registrar, como explicar o que fazia lá? Esta inexperiência, somada à constante presença de jornalistas nos espaços do futebol causaram uma situação que até hoje me faz pensar o meu posicionamento neste campo de pesquisa.

deste membro, outros dois, responsáveis pela loja da mesma. *Fósforo*, acompanhado de um DVD com mais de uma hora de imagens da torcida, apresentou-me um panorama histórico da mesma: fora fundada em 1979, adiante, já na década de 1980 se tornou escola de samba, em 1993 deixou de ir aos jogos do Corinthians (mantendo apenas as atividades de samba e os ditos “projetos sociais”), sendo retomadas as atividades de torcida organizada no ano 2000. Nesta primeira ida a sede da Estopim, busquei captar com o olhar a maior quantidade possível de detalhes na sede da torcida, então, um item e um fato me chamaram a atenção: a camisa oficial da Estopim da Fiel, deveras exposta em espaços da sede, e a loja da mesma – que vende produtos exclusivamente alusivos a esta organizada -, passagem obrigatória para quem deseja visitar a sede, que é aberta diariamente, inclusive aos domingos em que há jogos do Corinthians. Comecei aqui, a considerar a hipótese de um estudo voltado para o consumo de produtos da torcida.

A citada camisa oficial é preta com sete listras brancas, e traz, no lado esquerdo do peito, o escudo da Estopim da Fiel – um círculo perfeito, dentro do qual há o símbolo atual do Corinthians, circundado por um pavio com chamas nas pontas e os escritos “estopim”, na parte superior do círculo, e “raça e atitude”, um dos lemas desta organizada, na parte inferior. No lado direito do peito um bordado que indica a história da torcida, ressaltando o ano de fundação da mesma: “desde 1979”. Na parte traseira, outros elementos são acionados: como o mascote da torcida, um Urso, que veste a camisa da torcida e segura, com as garras expostas, um símbolo do Corinthians, e outro lema da organizada: “falou mais alto a tradição”.

A estética da camisa, preta com sete listras brancas, explicou-me *Fósforo*, não foi escolhida aleatoriamente dentre as diversas possibilidades de combinações para as cores preto e branco privilegiando-se a primeira. Havia ali a interpretação da Estopim da Fiel sobre a história do Corinthians: o intuito com esta camisa era criar uma “réplica” do modelo utilizado pelos jogadores do clube quando da conquista do campeonato paulista de 1977, quando se encerrou um período de 23 anos sem conquistar títulos. Segundo *Fósforo*, para a Estopim esta é “a maior conquista do Corinthians em todos os tempos”, de modo que a camisa oficial da torcida visa prestar tributo a essa conquista e, sobretudo, a esta interpretação.

Na sede, em distintos espaços, observei imagens em que a camisa oficial era acompanhada do escrito: “jogo do timão: camisa oficial, dever do associado”. A mesma camisa era vista em pinturas do mascote urso, devidamente trajado com a camisa, a qual recebia também destaque na vitrine principal da loja e no corpo de um dos membros presentes à sede naquela tarde.

Na semana seguinte, retornei à sede da Estopim com o intuito de acompanhar a mesma em um jogo do Corinthians no Pacaembu. Cheguei cedo em Diadema, nas redondezas da sede da Estopim, por volta do meio dia, o jogo seria às seis e meia da tarde no estádio do Pacaembu, e o ônibus da torcida sairia impreterivelmente às quatro horas da tarde. Acompanhei a movimentação de organização do bandeirão e faixa a serem levados para o estádio, a escolha e arrumação dos instrumentos de bateria (que seriam tocados incessantemente durante os noventa minutos de jogo) e a chegada de associados da torcida (e também de corintianos não sócios, moradores da região) para a ida ao jogo no ônibus da torcida.

Apresentava-me às pessoas que eu cumprimentava ou que me cumprimentavam (e perguntavam se eu era sócio novo) como estudante de ciências sociais, e dizia que estava realizando uma pesquisa sobre torcidas organizadas, o que suscitava ora perguntas e reações interessadas (“vai fazer com a Estopim?”, “pode perguntar o que precisar”), ora indiferença (“tem um pessoal ai que pode ajudar, eu não”). Quando era aberta a possibilidade de desenvolver um diálogo, iniciava a conversa com uma pergunta: “há quanto tempo está na Esto-

pim?”. As respostas que os associados concediam suscitavam o desenvolvimento do diálogo com novas perguntas, como: “por que a Estopim e não outra torcida organizada?⁴”, “quais foram as motivações para que você se associasse à Estopim?”. E, nestes diálogos, muitas das respostas indicavam como uma referência ao pertencimento à Estopim, justamente, a camisa oficial da torcida: “a Estopim me chamou a atenção por causa da padronização⁵ perfeita que faz nas arquibancadas”; “vim para a Estopim porque queria entrar para uma torcida organizada, e como a camisa do Corinthians pra mim tem que ser preta, fiquei entre a Gaviões e a Estopim⁶, ai acabei vindo pra Estopim por causa da camisa mesmo, que lembra mais o Corinthians”; “eu era dos Gaviões, ai um dia fui para um jogo com a Estopim, perguntei se tinha problema ir com a camisa dos Gaviões falaram que não, só pediram pra eu não ficar no meio da torcida. Esse dia eu vi todo mundo levando a sério usar a camisa listrada e fazer a padronização, ai quando voltei do jogo decidi me associar”.

Observei neste dia de jogo do Corinthians que a ideia de “jogo do timão: camisa oficial, dever do associado”, conforme indicavam as imagens na sede da torcida, era uma ideia acertada pelos associados da mesma, uma vez que, durante o jogo, eram poucos os torcedores presentes no setor ocupado pela Estopim na arquibancada que não vestiam tal peça. Igualmente notei que muitos associados iam para o jogo com outra camisa, e a vestiam no ônibus, pouco antes de realizarem o desembarque e a entrada no estádio.

Duas semanas adiante novamente realizei etnografia acompanhando membros da Estopim da Fiel em seus preparativos para o jogo e a ida, em si, para este. Tal qual anteriormente, o uso da camisa oficial da torcida e a presença desta nas falas dos associados teve relativo destaque, inclusive ao conversar com um associado, membro do “departamento de bandeiras⁷”, que, ao citar o projeto “cem bandeiras”, me disse que a Estopim realizaria, em breve, o lançamento de três bandeirões novos em um mesmo jogo, sendo um deles uma camisa da torcida. Algumas semanas depois, no primeiro jogo da final do campeonato paulista de 2011, vi, pela TV, o desfaldar deste bandeirão, uma réplica, em amplas dimensões, da camisa oficial da torcida e, considerando o material coletado empiricamente, tive a certeza de que ao “deixar o campo me levar”, havia encontrado, em falas e em práticas dos sujeitos da pesquisa, um objeto de estudo: a camisa oficial da Estopim da Fiel.

4 No período em que realizei a pesquisa seis torcidas organizadas distintas se faziam presentes em jogos do Corinthians: Gaviões da Fiel, Estopim da Fiel, Camisa 12, Pavilhão 9, Fiel Macabra e Coringão Chopp. A presença destas coletividades era notada nas arquibancadas dos estádios através de faixas, bandeiras e torcedores trajando roupas com nomes e símbolos destas organizadas.

5 No vocabulário nativo a padronização é um dos elementos fundamentais para a torcida fazer-se percebida coletivamente no estádio. A padronização, na Estopim da Fiel, consiste em ocupar um espaço nas arquibancadas abaixo dos membros responsáveis por tocar instrumentos de bateria de samba, neste espaço se “acomodam” os demais torcedores da torcida trajando este mesmo modelo de camisa, com o intuito de criar um impacto visual monocromático neste determinado espaço ocupado pelos torcedores.

6 Do universo de torcidas organizadas corinthianas, as únicas duas que tem como camisas oficiais modelos que priorizam a cor preta.

7 Departamento responsável não só pela confecção e manutenção de faixas e bandeiras da torcida, mas também por cuidados específicos com a sede e outros patrimônios físicos da torcida.

Voltando ao “gabinete”

Tendo realizado algumas observações participantes com torcedores do Corinthians membros e frequentadores dos espaços tidos como “da Estopim”, possuía em mãos alguns dados, materializados na forma de anotações de campo e fotografias. Compartilhando-os com o professor Antônio Braga, e dialogando sobre o que eu vira durante a realização de etnografias, o mesmo julgou a camisa oficial da torcida como um objeto “bom para pensar”, pertinente para estudo. Entretanto, novas questões foram surgindo: estudar o que na camisa? Como abordar tal tema com os torcedores? O que pode ser pensado a partir da camisa? Pensá-la como um bem de consumo, puramente? Procurar entender por quais motivos era ela a “oficial” e as outras apenas “camisas”?

Alguns dados do campo indicavam boas pistas para o prosseguimento desta pesquisa: a camisa oficial, conforme explicou-me *Fósforo* e demais torcedores com quem conversei, apenas poderia ser comprada por sócios à Estopim; a camisa era acionada como um relevante motivo no que diz respeito à aproximação de torcedores corintianos não organizados ou sócios de outras organizadas da Estopim; buscava-se com esta camisa expor uma “interpretação coletiva” acerca da história do Corinthians; os “lembretes” espalhados pela sede cobrando como obrigatório o uso da mesma nos dias de jogos; e, por fim, a criação de um bandeirão que tornava esta peça de consumo individual, em um totem coletivo de grandes dimensões⁸.

Retomando algumas leituras, encontrei em Toledo (1996) um trecho interessante para pensar este objeto:

Sem dúvida, o momento maior de uma Torcida Organizada são os próprios dias dos jogos. Momentos em que a condição de ser um torcedor organizado aciona as *marcas distintivas* dos grupos, ou seja, *marcas de identificação*, visibilidade e oposição entre torcedores e as Torcidas Organizadas. E uma das marcas mais importantes que a Torcida Organizada exibe no domínio público é a sua camisa (TOLEDO, 1996 p. 52, grifos meus).

Considerarei que a valorização e a exaltação à camisa oficial da Estopim – tanto por “diretores” da torcida, que a divulgavam como um bem obrigatório aos associados, quanto por associados, que se aproximavam da torcida a partir dela e repetiam movimentos e falas de exaltação a mesma – era uma forma de afirmar a importância de a Estopim possuir uma marca distintiva, de uso individual e de valorização simbólica coletiva frente aos demais torcedores corintianos.

Era necessário, então, formular novas perguntas, e, para tanto, fez-se necessário recorrer a novas referências bibliográficas. Assim, foi-me indicado pelo professor Antônio obras que diziam respeito à antropologia do consumo, dentre elas: “Cultura, consumo e identidade”, de Livia Barbosa e Colin Campbell (2006) e “o mundo dos bens: para uma antropologia do consumo”, de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004).

Nesta primeira obra, a partir dos ensaios e artigos nela organizados, tive uma noção inicial de pesquisas antropológicas que lidam com temas referentes ao consumo na socie-

8 O bandeirão é aberto durante os jogos em momentos específicos: quando se iniciam os tempos da partida e após os gols do Corinthians. Permanece, desde antes do princípio da partida, enrolado ao chão – ou na parte superior das arquibancadas, ou na parte inferior – e é desenrolado por cima dos torcedores, em um movimento que envolve agilidade dos responsáveis pelas “bandeiras”, que puxam um extenso e pesado pedaço de pano, e a cooperação dos demais torcedores, para que ele permaneça bem esticado e seja recolhido após um bom período de exibição.

dade capitalista, como a construção e elaboração de significados sobre produtos e serviços adquiridos. Na segunda, mais extensa e conceitual, encontrei boas referências para pensar o fenômeno que havia observado e que estava me propondo observar com maior atenção, como a ideia de consumo como um “sistema de significação”, cuja “verdadeira necessidade que supre é a necessidade simbólica” (DOUGLAS, ISHERWOOD, p. 16).

Ademais, para pensar o vínculo entre torcida e clube, acionado em falas que relembram um diálogo entre a Estopim e a história do Corinthians, que se faria presente em razão da existência da torcida e da estética da camisa, bem como, falas torcedoras com afirmações sobre a história do Corinthians, procurei referências bibliográficas sobre o clube⁹, que, entre outros, envolviam alguns volumes de literatura classificada como “apaixonada”¹⁰, a tese de mestrado de Plínio Labriola Negreiros, intitulada “Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916” (NEGREIROS, 1992) e visitas ao “memorial do Corinthians”¹¹.

Assim, soou pertinente questionar: o que faz desta camisa uma marca distintiva? Quais símbolos nela impressos comunicam o que aos torcedores que a vestem? Como a camisa é acionada como uma ponte (ou uma barreira) entre estes torcedores e a noção que possuem, constroem e experimentam da história do clube? Torcedores corinthianos membros da Estopim da Fiel se vestem com essa camisa para se identificar com um sistema de significação, se diferenciar frente outros torcedores, ou, antes, se identificam com tais valores, signos e significados presentes nesta peça para então vesti-la?

Mais uma vez, etnografia

Passados alguns meses, retornei à sede da Estopim. Com novas perguntas e treinando o olhar e o ouvir para estar atento às manifestações referentes à camisa oficial desta torcida organizada, preparei-me para mais algumas incursões etnográficas entre o centro de Diadema e o estádio do Pacaembu. Estas idas a campo representavam dias densos e cansativos. Embora as partidas em que acompanhei a torcida variassem entre começar as quatro da tarde e sete da noite, em sábados ou domingos¹², a minha chegada à sede para acompanhar os preparativos para a ida ao jogo – entendidos como momentos importantes dentre os rituais da torcida – frequentemente se dava muitas horas antes. Sendo o empreendimento de acompanhar “um dia de jogo” concretizando-se como um dia em si, para muito além dos noventa

9 E também, visando ter conhecimento sobre a história do Corinthians, para interagir em conversas que circundavam acontecimentos já longínquos no tempo, ocorridos, muitas vezes, em períodos anteriores ao nascimento dos presentes conversando sobre o assunto.

10 Na obra de Negreiros (1992), encontrou-se o conceito de “literatura apaixonada”, fazendo referência a publicações de “caráter relativamente parcial” acerca deste clube, muitas vezes voltadas aos torcedores com o intuito de informar (e formar) a história do Sport Club Corinthians Paulista, baseando-se no engrandecimento deste clube. Apesar do claro viés “apaixonado” (e pouco científico), estas publicações se fazem relevantes por permitirem compreender a fonte de muitos dos discursos torcedores. Edições da revista “Fiel Torcida” e textos publicados em blogs de torcedores foram parte deste aporte teórico.

11 Museu localizado dentro da sede social do clube, onde estão expostas taças, camisas, bolas, são exibidos filmes e demais objetos selecionados para relatar e materializar a história do Corinthians.

12 Embora sejam frequentes jogos em dias de semana no período noturno, em razão de residir e estudar em Marília tive de restringir as idas a campo a jogos que ocorreriam em finais de semana.

minutos da partida, e chegando a abarcar onze horas seguidas¹³, o que se fez importante para compreender de perto como o futebol é “parte constitutiva na elaboração de um *estilo de vida* próprio” (TOLEDO, 1996, p. 114) para estes torcedores: muitos deles já estavam na sede quando eu lá chegava, e outros tantos lá permaneciam após a minha saída, isto é: passavam mais do que onze horas partilhando da sociabilidade em uma torcida organizada de futebol.

Após um breve período acompanhando a Estopim “de longe”, por meio de redes sociais e fóruns virtuais da mesma¹⁴, quando retornei à sede para um dia de jogo do Corinthians, notei que algumas mudanças haviam ocorrido: a reforma e estilização do bar no segundo andar, a troca pelo responsável no setor de comunicações, alguns produtos novos na loja. A camisa oficial, entretanto, seguia sendo colocada em um patamar diferenciado nos discursos e nas práticas dos membros da torcida, o que pude observar acompanhando a Estopim em mais três partidas do Corinthians e, nos momentos anteriores a dois destes jogos¹⁵, dando maior atenção à movimentação na loja da mesma.

Pude observar, no balcão ao fundo da loja, que funcionava como local para pagamentos de caravanas, compra e entrega de ingressos, compra de produtos da loja, local para preenchimento e entrega da ficha de associação – e também apoio para latas de cerveja e cumbucas com petiscos –, a realização de diversas destas ações. Notei, nestas observações, que o ato de associar-se e comprar a camisa eram, frequentemente, realizados conjuntamente. Em uma única situação em que observei o associar-se – preencher uma ficha com dados pessoais, entregar uma foto 3x4 e pagar a quantia de R\$15,00 – não sendo seguido da compra da camisa, mas sim do ingresso para o jogo que ocorreria naquela tarde, o torcedor revelou-me posteriormente sua estratégia: “esse mês foi a associação e o jogo, mês que vem compro a camisa, se eu comprar hoje não vou poder entrar com ela no jogo mesmo¹⁶”. Observei, entretanto, que este torcedor já possuía conhecidos na torcida, o que registrei ao vê-lo circulando entre distintos grupos nos momentos anteriores à saída do ônibus para o jogo e no próprio ônibus. Entretanto, observando o que ocorria com recorrência na loja, notava, cada vez mais, a relevância da camisa como *ponte* entre Corintianos e Estopim: “pra comprar a camisa tem que se associar? Tranquilo, quanto custa a associação?”, foram as perguntas de outro torcedor, que, em um dia de jogo, se associou, comprou a camisa, saiu da sede vestindo-a, mas não foi ao jogo.

Nesta segunda etapa de etnografias, pude observar com maior atenção de que modos a camisa era utilizada nos dias de jogos: alguns torcedores passavam todo o período “pré jogo” já com ela, enquanto outros a vestiam apenas para adentrar o estádio, e outros, ainda, ape-

13 Na oportunidade em que acompanhei a torcida em jogo válido pelo Campeonato Paulista de 2012, cheguei à sede da Estopim em torno das onze horas da manhã, a partida teve início às dezessete horas, chegamos à sede da torcida, após o jogo, por volta das vinte e uma horas, e eu fui entrar de volta na casa em que estava hospedado, por volta das vinte e duas horas.

14 Especificamente, páginas e grupos criados por membros da Estopim da Fiel nos sites Facebook e Orkut. Não utilizei este acesso como um material etnográfico, mas sim como uma forma de manter-me a par do que ocorria e era discutido, em uma esfera mais pública e aberta, entre os associados.

15 Na terceira ocasião, encontrei-me com a torcida já no estádio, e a etnografia limitou-se, neste dia específico, aos momentos do jogo.

16 Referindo-se a necessidade de, além da associação na torcida, possuir um cadastro na Federação Paulista de Futebol para poder entrar no estádio com roupas de torcidas organizadas, o que é realizado de tempos em tempos nas sedes das torcidas organizadas, em dias específicos e sem um intervalo habitual.

nas a vestiam ao chegar a sede da Estopim¹⁷, porém, no momento do jogo, a grande maioria dos associados estava vestido com tal peça. Observei também como se dava, na arquibancada do Pacaembu, a organização da torcida considerando o uso e o não uso da camisa oficial, igualmente, a quais membros, que não estavam com a camisa oficial, era autorizada a permanência “junto” com a torcida, rompendo com a “padronização” da mesma em nome da posição e do *status* que estes teriam com o coletivo.

As conversas com os associados, nesta etapa, eram mais assentadas em questões como, “em que situações você usa a sua camisa oficial?” e “ainda não entendi, por que esse urso segurando o símbolo do Corinthians?”, as quais foram trazendo respostas que, posteriormente contrastadas com o que eu via ocorrer entre os torcedores e com a bibliografia consultada, permitiram alcançar algumas conclusões sobre a mesma.

“O jogo não acaba quando termina”

A frase acima é uma adaptação de um provérbio popular no meio do futebol: “o jogo só acaba quando termina”, cuja autoria é referenciada ao ex-presidente corintiano, Vicente Matheus, e que é constantemente utilizada por jornalistas e narradores esportivos em geral. Utilizo esta frase como subtítulo para a seção referente às conclusões, pois, desde o princípio do interesse por realizar pesquisa e formação na área da antropologia, compreendi que os fenômenos que os antropólogos observam, tendem a continuar ocorrendo, distantes do olhar destes. Atualmente, iniciando uma pesquisa já como aluno de mestrado, compreendo melhor este ponto, entendendo que muitas vezes as pesquisas dos antropólogos, como os “jogos”, acabam, mas, diferente destes, “não terminam”. Como indica Mariza Peirano sobre a antropologia, esta seria “a ciência social que *pede* para ser ultrapassada e superada; que mantém viva a consciência de que o que se aprende e/ou descobre é sempre provisório e contextualizado” (1995, p. 11).

Os sujeitos e as coletividades seguem suas dinâmicas: novos torcedores atrelaram o seu modo de torcer pelo Corinthians aos da Estopim, outros guardaram sua camisa oficial no armário e não serão vistos nas arquibancadas por um tempo (indeterminado), novos significados podem ter sido colocados sobre a camisa da torcida nos últimos dois anos (em que não realizei etnografia com esta coletividade), novas elaborações e modos de uso, igualmente; a própria camisa pode ter passado já por alterações. Entretanto, acompanhando e registrando ações de membros deste grupo durante períodos de tempo próximos, pude construir algumas conclusões, que dizem respeito a uma temporalidade específica desta coletividade, sobre vínculos entre torcedores, sujeitos, camisa e objeto.

A primeira delas diz respeito ao acesso restrito a este bem. Uma das formas de construir uma diferenciação simbólica sobre esta camisa, entendo, é através do que Colin Campbell e Livia Barbosa indicam como sendo a “venda de acesso a produtos” (2006, p. 25). Todas as outras camisas e produtos disponíveis na loja podem ser adquiridos por qualquer sujeito que possua a quantia financeira correspondente ao preço delas, a oficial, no entanto, apenas será adquirida por aqueles que puderem comprovar, por meio da apresentação da carteirinha de sócio, que se identificaram com a torcida e se tornaram associados. A camisa oficial é *diferen-*

¹⁷ Em conversa com um torcedor, que encontrei no metrô indo para a sede em um dia de jogo, o qual reconheci de outra ida minha à sede, o mesmo não vestia a camisa da Estopim, mas sim uma camiseta com estampa em nada alusiva a futebol. Perguntei se, desta vez, estava indo sem a camisa para o jogo, e sua resposta foi negativa, disse-me que estava com a camisa no bolso da bermuda, e que a vestiria ao chegar à sede, pois o Santos jogaria naquela mesma tarde, e, embora a partida deste clube fosse na cidade de Santos, ele temia um possível encontro com torcedores organizados desta equipe rival.

te, especial e única, pois é restrita aos sócios. Este, entendo, é o valor simbólico mais relevante nesta peça para muitos daqueles torcedores.

Adiante, considerando esta camisa como uma peça de roupa utilizada em dias de jogo do Corinthians, que são, conforme já citado em Luiz Henrique de Toledo, “o momento maior de uma Torcida Organizada” (1996, p.52), é possível considerá-la um bem de consumo acionado em momentos rituais, assim, sendo pensada como um “acessório ritual”:

Os rituais são convenções que constituem definições públicas visíveis. Antes da iniciação, havia um menino, depois dela, um homem (...) Viver sem rituais é viver sem significados claros e, possivelmente, sem memórias (...) Os bens, nessa perspectiva, são acessórios rituais; o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2004, p. 112).

Por fim, cabe indicar, com uma breve paráfrase ao trecho acima que, “antes da associação e compra da camisa, havia um Corintiano, depois de ambas, há um Estopim”. A camisa, assim, tem a agência de dar outro sentido ao papel do torcedor, ao integrá-lo a uma série de rituais, valorações e identificações coletivas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas*. In: *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na*

França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens – para uma antropologia*

do consumo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2004.

FRÚGOLI JR, Heitor. *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia*. In, *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2005, V. 48 Nº 1.

LOVRETO, José Alberto; COSTA, Gualberto. *A história do futebol no Brasil através*

do Cartum. Rio de Janeiro: Ed. Bom texto, 2004

MAGNANI, José G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. São

Paulo, Hucitec/UNESP, 2003.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição - A Gênese do*

Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916, São

Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Ed. Relume-Dumara, 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Ed. Autores

Associados/Anpocs, 1996 (coleção educação física e esportes).